
Recebido: 03-04-2019 | Aprovado: 06-05-2019 | DOI: <https://doi.org/10.23882/MJ1909>

A construção dos afetos na pós-modernidade: Uma reflexão sobre os efeitos cognitivos das narrativas digitais no discurso afetivo

The construction of affects in post-modernity:
A reflection on the cognitive effects of digital narratives
in the affective discourse

Paulo Falcão Alves, Universidade do Algarve, Portugal (pjaalves@ualg.pt)

Resumo: Enquanto no passado, os afetos eram edificados *in praesentia*, hoje estão a ser construídos *in absentia*, transfigurando conceitos clássicos como o amor ou a amizade. A tecnologia está, aos poucos, a substituir os signos do real por novos signos digitais, assentes em sentimentos metálicos e incompletos. Vários estudos parecem indicar que somos capazes de interagir com máquinas da mesma forma que interagimos com humanos, eliminando cada vez mais a fronteira entre a *bios* e a *techné*, provocando uma «desumanização» no seio das relações sociais. Este ensaio pretende assim refletir sobre os efeitos cognitivos que estas *novas* narrativas digitais estão a provocar na construção dos discursos afetivos, afigurando novas formas de manifestação de sentimentos e emoções, resultantes do progresso irreversível da pós-modernidade.

Palavras-chave: afetos, cognição, media, narrativas digitais, pós-modernidade

Abstract: While in the past, affections were built *in praesentia*, today they are being built *in absentia*, transfiguring classic concepts like love or friendship. Technology is gradually replacing signs of the real into new digital signs, based on metallic and incomplete feelings. Studies seem to indicate that we are able to interact with machines in the same way that we interact with humans, eliminating the boundaries between *bios* and *techné*, provoking a «dehumanization» within social relations. In this sense, this essay intends to reflect on the cognitive effects that these new digital narratives are causing in the construction of affective discourses, figuring new forms of feelings and emotions, resulting from the irreversible progress of postmodernity.

Keywords: affections, cognition, digital narratives, media, postmodernity

Introdução

O presente ensaio tem como objetivo refletir sobre alguns dos fenómenos que estão a contribuir para transformações no laço social, nomeadamente no que diz respeito à construção dos afetos neste novo período, definido por alguns como pós-moderno (Lyotard, 2003, Bauman, 1992). Trata-se, portanto, de uma reflexão teórica, logo puramente filosófica, sobre as novas narrativas digitais e nos seus efeitos nos discursos afetivos.

Todas as eras são acompanhadas pela afirmação de diferentes ideologias. A ideologia dos nossos dias, a ideologia pós-moderna, assenta na descrença nos discursos e na disfuncionalidade das organizações e instituições, transformando o passado de acordo com as preferências e as necessidades de cada um. As tradições passaram a ser vistas como algo antiquado, pertencentes a um passado primitivo, desconsiderando as memórias sem qualquer tipo de reflexão ou critério, onde a história deixou há muito de ter um carácter relevante na formação das identidades sociais, sobretudo nos mais jovens.

Vivemos de facto numa época caracterizada pela individualização, personalização e padronização em rede, não só sobre aquilo que consumimos, mas também na forma como exprimimos os nossos sentimentos e emoções. Esta visão crítica do presente, aliada à capacidade de extensão do humano, através das tecnologias em rede, tem potenciado o surgimento de novas configurações sociais, onde os símbolos do real são, aos poucos, substituídos por novos símbolos digitais.

Neste novo modelo social o sujeito não está isolado, mas antes inserido numa textura de relações móveis e complexas, em constante mutação e permanente contacto, onde a sensação de pertença representa uma das suas características mais protuberantes. Na verdade, a Internet ao ligar milhões de pessoas a novos espaços transformou a nossa forma de pensar, a estrutura das nossas comunidades, as nossas próprias identidades. O computador deixou de ser uma ferramenta de cálculo, passando a representar um espaço onde podemos falar, trocar ideias ou assumir uma personagem múltipla da nossa criação (Turkle, 1995).

Os dispositivos eletrónicos passaram a ser o nosso «segundo mundo», um mundo onde cultivamos ligações humanas através de ecrãs digitais, potenciando novas formas de expressão, baseadas em emoções incompletas ou limitadas, favorecendo a ausência do status social, do anonimato e do feedback, permitindo uma libertação do real, abrindo portas a fantasias que de outro modo não poderiam ser vivenciadas.

Presenciamos uma época onde o diminutivo, o breve e o simples, começam a fazer parte das novas formas de expressão, construindo um novo dialeto apoiado na simplificação informal da escrita através de expressões baseadas em signos não verbais, como os *emojis*¹, levando por sua vez à subtração dos seus significantes.

É sobretudo devido à necessidade de comunicarmos de forma rápida e instantânea que estes novos discursos são adotados de forma “cega” e inconsciente, potenciando uma *fala* diminuta, onde a contextualização dos significados atinge um grau de conotação dispersivo e as significações ganham *sentidos* para além dos seus significantes, transformando a essência das nossas manifestações afetivas².

Embora os avanços tecnológicos tenham trazido consideráveis benefícios a grande parte das sociedades ocidentais, os seus impactos no laço social são ainda pouco conhecidos. Na verdade, a maioria dos estudos foca-se mais na análise de dados técnicos, como no número de utilizadores ou na velocidade de transmissão de dados, do que propriamente nos efeitos e nas capacidades que este progresso parece estar a produzir no seio das relações sociais e humanas.

Torna-se assim pertinente debater sobre estas novas realidades sociais de modo a que possamos encontrar padrões que nos ajudem a compreender melhor este tipo de fenómenos, promovendo a discussão e reflexão dos problemas e riscos que possam advir destas novas realidades, bem como o seu impacto no seio do laço social.

¹ Emoji é uma palavra de origem japonesa, composta pela junção dos elementos *e* (imagem) e *moji* (letra). É considerado um pictograma ou ideograma que transmite a ideia de uma palavra ou frase completa.

² Num estudo realizado a 20.000 jovens entre os 16 e 40 anos, dois terços dos inquiridos declararam, principalmente na fase da conquista, preferir «namorar» através de ecrãs digitais, substituindo assim as relações cara-a-cara pela comunicação mediada por computador (Silva, 2010).

Desenvolvimento

Embora a tecnologia esteja a provocar profundas alterações ao nível social, político, e económico, este ensaio irá apenas focar a sua análise nos discursos afetivos «fabricados» através das novas narrativas digitais.

São vários os autores (Turkle, 1995; Rheingold, 2000; Virilio, 2000; Bertman, 1998) que nos têm chamado a atenção para as alterações que a tecnologia tem vindo a provocar no seio das relações sociais e que aos poucos parecem estar a criar uma certa «desumanização» na maneira como nos relacionamos uns com os outros. Esta realidade torna pertinente uma reflexão sobre a forma como hoje convivemos, como sociabilizamos, quer ao nível das relações familiares, quer ao nível das relações profissionais ou de amizade.

Aos poucos, esta «desumanização» está a fazer-nos perder os nossos *Third Places* (Oldenburg, 1999), os locais onde cultivamos os nossos laços familiares, profissionais e de amizade, substituindo-os por novos espaços virtuais onde a partilha está no centro das aspirações, promovendo o culto da ideologia de que se *partilho logo existo* (Turkle, 2013).

Esta cultura de partilha digital, fundada no desgaste dos signos do real, está, a pouco e pouco, a substituir as expressões humanas por novos símbolos digitais, possibilitando a representação de novos sentidos incorpóreos e imateriais, partilhados através de ecrãs digitais, e que nos acompanham para todo lado, criando a necessidade de estarmos em permanente contacto com os nossos pares como se de uma obrigação se tratasse.

Embora estes novos ambientes digitais representem laços interpessoais, que, para além de proporcionarem novas formas de sociabilidade, apoio, informação e sentimentos de pertença, também favorecem a ligação a mundos paralelos, imateriais, afastando-nos muitas vezes do real (Wellman, 2001), das relações físicas e sensoriais, assentes em expressões incompletas, onde a comunicação cara-a-cara é destronada pelo imaginário sublime na busca pela relação perfeita.

Esta cultura da simulação ajuda-nos a atingir a visão de uma identidade múltipla e ao mesmo tempo integral, cuja flexibilidade e capacidade de bem-estar vem do acesso aos nossos vários «eu» e da forma como gerimos as nossas relações entre o mundo físico e o mundo digital.

Novos e seletivos modelos de relações sociais, vão aos poucos substituindo as bases tradicionais de interação humana, anteriormente limitadas territorialmente no espaço e no tempo, dando-nos a possibilidade de realizarmos experiências que de outro modo não seriam possíveis no mundo real, transportando-nos para mundos de fantasia, que aos poucos, e de forma subliminar, estão a transformar a nossa visão da sociedade, dos valores e princípios que até há pouco tempo eram indiscutíveis e intocáveis.

Estes fenómenos levam-nos a questionar o sentido de significados como o amor, a amizade, o carinho ou os afetos - será que é possível amar alguém que apenas existe de forma virtual? Será que é possível manter uma relação de amizade duradoura sem nunca haver contacto físico?

Infelizmente sou tentado a afirmar que aparentamos caminhar para um mundo onde os sentimentos estão a ser renovados, reinventados e adaptados a um mundo sintético, mecânico e altamente tecnológico, transfigurando alguns dos conceitos básicos das relações humanas, levando a que significantes do passado passem a representar novos significados assentes em conceitos completamente renovados e adaptados à realidade dos nossos dias.

Experiências levadas a cabo no sentido de estudar a relação entre homens e robôs (Turkle, 2012) verificaram que passado algum tempo a interagir com máquinas, parecemos revelar ter o mesmo tipo de sentimentos que temos com humanos, como a saudade ou o carinho. Talvez a falta de afeto e atenção que sentimos no mundo real nos leve a procurar satisfazer as nossas carências no mundo virtual, podendo vir a transformar, ou mesmo destruir, o conceito de sociabilidade criado ao longo de toda a história da humanidade.

O facto de partilharmos os mesmos sentimentos com máquinas e humanos, abre um novo campo de discussão, onde a sexualidade, a amizade ou amor podem estar a ganhar novos significados. Na verdade, a tecnologia passou a ser mais do que uma ferramenta de trabalho – passou a fazer parte do nosso ADN. Com efeito, o uso da tecnologia no século XXI tem mais a ver com simulação e interação do que com os cálculos e regras do século XX. Passamos de uma cultura modernista de cálculo para uma cultura

pós-modernista de simulação (Turkle, 1995) onde a distância tradicional entre pessoas e máquinas é cada vez mais difícil de manter.

Este novo tipo de comportamentos, apoiados pela comunicação mediada por computador, está a alterar a forma como nos relacionamos com os nossos pares, levando-nos por vezes a preferir enviar uma mensagem ou um *e-mail* em vez de falar por telefone ou cara-a-cara com um amigo ou familiar.

Ao mesmo tempo que vamos enraizando estes hábitos no nosso dia-a-dia, parecemos também perder a nossa humanidade, fechando-nos num mundo que apenas a nós pertence, onde, aos poucos, as relações físicas e humanas, vão sendo substituídas por relações artificiais, virtuais – relações ausentes de humanismo e repletas de egoísmo.

Começamos a habituar-nos a controlar a forma como comunicamos com os outros, onde a imprevisibilidade, o repentino e o inesperado estão aos poucos a ser substituídos por uma comunicação espaçada, ausente de sentidos denotativos e presenciais, tornando-nos cada vez mais dependentes da tecnologia e menos livres de nós próprios.

Pessoalmente quem não gosta de tecnologia? O telemóvel, por exemplo, permite que eu possa estar em contacto permanente com a minha filha. Permite-me ligar e saber se está tudo bem e ao mesmo tempo saber que se ela precisar de mim pode contactar-me a qualquer momento. O problema surge quando eu lhe telefono e ela não atende – contudo, se lhe enviar uma mensagem, de preferência com *emojis*, obtenho uma resposta quase instantaneamente.

Esta realidade parece revelar que estamos, aos poucos, a substituir as relações *in praesentia*, por relações *in abstentia*, pois deste modo temos mais controlo sobre aquilo que dizemos e como dizemos, levando à extinção de expressões instantâneas e naturais como o corar, o gaguejar ou o ficar surpreso.

Por outro lado, a substituição da comunicação cara-a-cara pela comunicação mediada por computador está também a transformar a forma como nos toleramos uns aos outros. Enquanto num passado recente quando um assunto ficava mal-esclarecido, uma das soluções passava pelo esclarecimento desse mal-entendido através de uma conversa presencial, onde

as expressões, os gestos, a postura, o olhar e o toque serviam para fortalecer o significado das palavras. Hoje essas expressões estão a ser substituídas por *emojis* e palavras abreviadas, abrindo espaço para o nascimento de novos significados, distanciados, cada vez mais, dos significantes de outros tempos.

Por outro lado, o facto da comunicação mediada por computador nos impossibilitar de perceber se quem está a “falar” connosco está ansioso, magoado, surpreso ou distante, leva a que as relações humanas percam o seu arco-íris, as suas cores – transformando-se em relações a preto branco. Progressivamente deixamos de prestar atenção aos outros e a nós próprios, ao mesmo tempo que vamos perdendo a nossa capacidade de refletir o real apoiados pela sensação de estarmos juntos quando na realidade estamos sozinhos (Turkle, 2012).

Face a esta realidade, uma das áreas em acentuado crescimento é a dos chamados *social robots*, robôs desenhados especificamente para nos fazerem companhia, para falarem connosco, para ouvirem as nossas histórias, tudo aquilo que aos poucos estamos a deixar de fazer com os nossos pares. Esta robotização do laço social cria-nos a ilusão de companhia, a sensação de alguém que está sempre presente e disposto a ouvir o que temos para dizer, de guardar um segredo, sem ser necessário criar um laço de amizade profundo ou sincero.

Temo que nos vamos sentir cada vez mais confortáveis a comunicar através de máquinas que nunca irão discordar das nossas atitudes ou intenções, criando ao mesmo tempo uma sensação de pertença entre homem-*machina* nunca antes vivenciada, levando-nos a esperar cada vez mais da tecnologia e menos de nós próprios (Turkle, 2012).

O facto de exprimirmos os nossos afetos através de ecrãs leva a que, quer o envio, quer a receção dessas formas simbólicas de expressão, sejam mais facilmente deturpadas. Quando rebemos uma declaração de afeto através destas novas narrativas digitais, podemos imaginar uma realidade que, por não estar *in praesentia*, se pode distanciar do seu verdadeiro sentido. Citando Bruno Silva (2010: 97) «*a realidade torna-se redundante e chegámos à hiper-realidade, onde as imagens procriam incestuosamente umas com as outras sem referência à realidade ou ao significado*».

Estas novas narrativas digitais estão a alterar o nosso discurso afetivo, baseando-se em sentimentos imateriais, espirituais, formatados na perfeição às nossas expectativas e anseios. O pragmatismo e a certeza das palavras estão aos poucos a ser substituídos por novos signos digitais, repletos de sentidos conotativos onde o seu significado é interpretado da forma que mais nos convém e onde a intangibilidade do discurso é transformada pela conformidade dos nossos sentidos.

Os discursos afetivos da pós-modernidade tendem assim a afastar-se das palavras e a aproximarem-se do abstrato, do incorpóreo, do ausente, levando a que nos comecemos a habituar a falar através de espelhos, eliminando a sensibilidade que nos define enquanto humanos.

Considerações finais

O facto de a tecnologia estar a transformar o laço social não me assusta - as sociedades e a forma como nos relacionamos evoluem com o tempo, fruto da sua natural transformação e renovação. O que realmente me espanta é o facto parecermos estar a parecer querer substituir aquilo que de mais genuíno existe no ser humano – as nossas emoções.

Contudo, a realidade parece mostrar-nos que a partir do momento em que passamos a controlar os nossos afetos através da intemporalidade dos ecrãs digitais, esses mesmos afetos tendem a ser substituídos por sentimentos metálicos, plásticos, assentes numa busca pela perfeição que nunca existiu nas relações humanas e que sempre fez parte do ADN da humanidade.

Não devemos, portanto, achar que um *emoji* ou um *gif* animado possa substituir uma emoção ou um to-

que de carinho ou amizade. A forma egoísta com que hoje mediamos as nossas relações através da tecnologia poderá, no futuro, distanciar-nos cada vez mais do *homo humanos* e aproximar-nos do *homo numéricos* - da *machina*.

Alguém pode um dia imaginar que um filho possa ter mais intimidade com uma máquina do que com os seus pais? Alguém pode um dia imaginar que se irá divorciar do seu par porque foi trocado(a) por um cyborg? - Infelizmente penso que um dia iremos vivenciar essas experiências *kafkianas*, onde o culpado não será a *machina*, mas o homem que a construiu - o culpado não será o robô, mas a sociedade que o adotou.

Estas realidades são reflexo do mundo tecnológico em que vivemos e que cada vez mais nos distancia de nós próprios – do humano. Um mundo onde procuramos a satisfação do presente sem refletir na complexidade da construção de um futuro altruísta. Aqueles que não fizerem parte deste novo modelo social passarão a ser vistos como «velhos do Restelo», levando a que as suas vozes sejam desprezadas em prol de uma multidão silenciosa.

Esta corrente ideológica é, como sempre foi, disseminada pelos meios de comunicação de massa que, através das mais variadas e subliminares estratégias, nos vão educando a agir segundo a sua visão do mundo, onde os poderes da superestrutura se sobrepõem aos ideais da própria sociedade. A tecnologia está, aos poucos, a substituir o saber e a reflexão conferido pelas meta-narrativas (Lyotard, 2003) do passado, pela inquietude líquida do presente, onde, infelizmente, aquilo que perdemos hoje jamais será recuperado no futuro.

Referências

- Alves, P. (2013). A Aprendizagem das Tecnologias de Informação e Comunicação na Terceira Idade: Um Estudo Etnográfico. In Caleidoscópio (2013), *A Emergência de Novos Públicos na Organização Comunicacional*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, (pp. 71-81).
- Bauman, Z. (1992). *Intimations of Postmodernity*. Londres: Routledge.
- Bertman, S. (1998). *Hipercultura*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Castells, M. (2004). *A Galáxia da Internet – Reflexões sobre Internet, Negócios e Sociedade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Celan, P. (1996). *O Meridiano, Arte Poética. O meridiano e outros textos*. Lisboa: Colibri.
- Eliot, A. (1958). *The Yellow Man*. New York: Harcourt Brace.
- Kerckhove, D.D. (1995). *A Pele da Cultura*. Lisboa: Relógio D'Água Editores.
- Lyotard, J-F. (2003). *A Condição Pós-Moderna*, (3ª Ed). Lisboa: Gradiva.
- Loader, B.D. (1997). *The Governance of Cyberspace*. Londres: Routledge.
- Martins, M. (2011). *Crise no Castelo da Cultura. Das Estrelas para os Ecrãs*. Coimbra: Grácio Editor.
- Oldenburg, R. (1999). *The Great Good Place*. New York: Marlowe & Company.
- Silva, B. (2010). *A Máquina Encravada – A questão do tempo nas relações entre cinema, banda desenhada e contemporaneidade*. Famalicão: Editorial Novembro.
- Slevin, J. (2000). *The Internet and Society*. Londres: Polity Press.
- Turkle, S. (1995). *Life on the Screen*. New York: Simon & Schuster Paperbacks.
- Turkle, S. (2012). *Alone Together: Why We Expect More from Technology and Less from Each Other*. New York: Basic Books.
- Virilio, P. (2000). *The Information Bomb*. Londres: Verso.